

do discurso de John Ireland «A igreja e o século», fieta pelo P. Sena Freitas. «Anamnese da ideia de pátria» oferece ao leitor uma bela e profunda especulação sobre a ideia de pátria – com particular incidência na Pátria portuguesa –, uma ideia que, no contexto de uma Europa que se quer unificada, embora tendo em conta as suas diversas matrizes étnicas e culturais, tende a ser diminuída ou mesmo a dissolver-se. (Releve, a propósito, a categoria intelectual e moral de P. Gomes e a amizade que nos liga a correcção de «*Magestas*» e «*Magestade*», na p. 168, para, conforme a raiz latina, «*majestas*» e majestade»). Em «Pascoaes e a alma da Europa», traça o essencial ideário do poeta de Gatão sobre a ideia de Portugal na balança da Europa (usando a expressão e a preocupação do livro de Garrett), ideário que se consubstancia na tese de que, no contexto da internacionalidade, a identidade de cada nação só se afirma e preserva no apreço de si mesma e no cultivo da sua língua e do seu pensamento próprios. «“A Águia” voando nas trevas» serve ao autor para, a propósito do primeiro centenário daquela revista, tecer pertinentes reflexões sobre o contexto da Primeira República, que não tornou Portugal mais justo nem mais feliz, dando razão ao ideário da «Renascença Portuguesa», de que *A Águia* foi órgão oficial. Em «As três tradições» detém-se sobre as tradições cristã, judaica e islâmica na história portuguesa, com as suas diferenças unidas no cultivo de um messianismo que se tornou numa nota fundamental da cultura portuguesa. Finalmente, em «Das idades encobertas» versa essa ideia e ideal do messianismo em duas formas particulares de manifestação: a sétima idade de Fernão Lopes e o V Império de Vieira.

Estamos perante uma colectânea rica de informação e de especulação e reflexão sobre múltiplos aspectos que têm a ver

com a cultura, a história e a identidade da Europa e de Portugal. Felicitamos o autor, Pinharanda Gomes, e recomendamos o livro a quantos se interessam por assuntos desta ordem.

JORGE COUTINHO

BÉGUERIE, Philippe, **Vers Écône. Mgr Lefebvre et les Pères du Saint-Esprit. Chronique des événements (1960-1968)**, postface de Florian Michel, coll. «Pages d’Histoire – Documents», Desclée de Brouwer, Paris, 2010, 486 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06212-9.

Os principais traços da personalidade de Mons. Marcel Lefèbvre, bispo saído da Congregação dos Missionários do Espírito Santo, bem como os grandes passos da sua atormentada e atormentadora história na Igreja do pós-Concílio são conhecidos da generalidade dos cristãos (e não só) que acompanharam as reacções ao mesmo Concílio nos anos que se lhe seguiram. Tudo vai dar à fundação da Fraternidade São Pio X e do Seminário de Écône, na Suíça. Foi aí, com efeito, que o movimento que encabeçou se cristalizou em comunidade de formação de novos padres segundo as ideias e o espírito integrista daquele bispo contestatário que não aceitou o Vaticano II, mormente no que diz respeito às suas reformas na liturgia.

O autor deste livro conhece bem quem foi Mons. Lefèbvre, o seu carácter, a sua mentalidade, as peripécias que antecederam e acompanharam a dramática cisão que operou em relação à Igreja romana, enfim todo um conjunto de coisas que permitem compreender melhor toda essa história, que recentemente veio ao de cima com a reintegração dos lefebvrianos na mesma Igreja e a permissão do uso do Missal de S. Pio V.

O livro de Philippe Béguerie encontra-se dividido em cinco partes, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos. A primeira parte é de contextualização. Nela o autor apresenta o ambiente entre os es-piritanos anterior e coetânea da eleição de Lefébvre para Superior Geral da Congrega-ção. Na segunda parte são narradas as peripécias do processo que culminou nessa escolha. A terceira dá-nos conta do pôr em obra o programa do novo Superior Geral, com rupturas e reacções adversas várias no interior da própria congregação. Na quarta parte, é apresentada a presença e a atitude de Mons. Lefébvre no Concílio. A quinta e última parte narra os acontecimentos em torno do abandono da Congregação de que fora Superior Geral.

Cada uma destas partes está ilustrada e complementada por documentos vários. No seu posfácio, Florian Michel tece pertinentes considerações sobre o fenómeno religioso do integrismo em geral e de Mons. Lefébvre em particular, não deixando de levantar algumas questões pertinentes, tais como: terá sido o Concílio a causa, ou antes um pretexto para a ruptura? Do mesmo modo, não deixa de sugerir a necessidade de um estudo aprofundado para uma adequada compreensão desta tendência para o integrismo, quer no caso de Mons. Lefébvre e quer em plano geral.

RAUL AMADO

SVIDERCOSCHI, Gian Franco, **Un Papa que no muere. La herencia de Juan Pablo II**, col. «Caminos», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2011, 180 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3725-4.

Um Papa que não morre é, precisamente, como sugere o subtítulo deste livro, um

Papa que deixa uma herança viva na sua Igreja e mesmo no mundo. Escrito por um sacerdote nascido em Itália mas de origem polaca, que viveu muito próximo do João Paulo II e conheceu bem a sua personalidade, não tem em vista, ao menos em primeiro plano, fazer o relato biográfico das peripécias que teceram a sua vida, mas antes descrever e dar testemunho dos grandes traços daquela personalidade, nas suas facetas de homem, de sacerdote, bispo e papa e, em estreita ligação com isso, da riquíssima herança espiritual que legou à Igreja a cujos destinos presidiu durante mais de duas décadas e meia. Como se exprime no Prefácio o Cardeal Stanislaw Dziwisz, conhecido secretário particular de João Paulo II e agora Arcebispo de Cracóvia, neste livro fica bem patente o que ele chama «a herança do coração», ou seja, o modo como o Papa em causa respondia, na sua vida, à voz do Senhor que está à porta e chama, tendo sido esse «o segredo da sua inspiração profética, isto é, o modo como ele, abrindo o seu espírito, conseguia fazer “ver” o rosto do Senhor, inclusivamente a quem o não conhecia e mesmo a quem o rejeitava ou negava».

Uma primeira parte – «Sob o signo da mudança» – analisa a figura espiritual de João Paulo II em três grandes «momentos» da sua vida: na (antecâmara da) morte, nas horas que acompanharam a sua eleição e nas suas raízes polacas. Na segunda parte – «Um novo Advento» – o autor dá-nos conta de algumas mais relevantes acções e atitudes com que aquele Pontífice mudou o rosto da Igreja e a história do mundo: a sua maneira de olhar para Deus, de o testemunhar e de o dar a conhecer; a purificação da memória; a sua maneira de ver e de modelar a Igreja, determinante para o ocaso do clericalismo; o seu empenho por promover o humano do homem; o seu